



INSTITUTO  
**VOX**

DE PESQUISA EM  
PSICANÁLISE

MULHERES | POLITICA | PSICOSE

**A Voz Áfona**

## **A Voz Áfona**

Ana Maria Colli

Como dividir com vocês pela escrita e pela fala o que nos toca tão intimamente que é a voz áfona, que nos escapa e de que há muito tempo vimos falando e ouvindo nesses anos de seminários no Vox?

Com todas as diferenças que possam existir entre nós, acredito que nos encontramos fisgados por uma sonoridade e, nas entrelinhas, pela presença e ausência de um suposto sentido que queremos dar a esse objeto transparente que é a voz.

Nesse momento privilegiado - na presença de vocês que me escutam -, espero encontrar um abrigo para que minhas palavras possam ressoar, de modo que elas voltem para mim, como um eco. E então isso que voltará de vocês talvez possa abrir um lugar para mais longe de mim mesma.

Michel Poizat, em seu livro “Voz Surda”, como homem escritor e teórico, foi difícil abraçá-lo... Acho que estou ainda em vias de fazê-lo! Ele traz a presença do estranho e do mal-estar que ele gera. Ele traz o estranho do outro e em nós mesmos, através do surdo, sem querer tratar necessariamente dos efeitos da surdez nele.

Onde encontrar o rastro, o sinal? O rastro e o sinal ao mesmo tempo. O rastro é aquilo que marca, faz sulco, escava. O sinal é quase um alerta, um aviso, uma direção. As marcas em direção a algo.

Seguindo as pegadas de Michel Poizat vou em direção, ao encontro de Freud e Lacan, junto com ele. Freud escreve sobre o estranho familiar como algo fora e dentro ao mesmo tempo, identificando o objeto do qual se tem medo até para sair de perto ou fugir.

Lacan fala da angústia, sentimento sem objeto. Um sinal interno que avisa um perigo interior que é íntimo e que não se pode nomear nem reconhecer. É um sinal de alerta que você ignora, mas sabe que está lá! A isso que sentimos muitas vezes e que nos escapa e é de existência estranha, Lacan chamou de objeto. Este se refere a tudo o que não tem objetividade. Tem relação com o desejo, gozo, amor, pulsão.

Então, esse tal objeto *a* ocupa um lugar de resto nas relações humanas de que as ciências não dão conta. Com relação aos processos inconscientes implicados nesse confronto entre o ouvinte e o surdo, é aí que a psicanálise entra, tentando lançar luzes

através do estudo da voz enquanto objeto de gozo (objeto impossível), mas suficientemente poderoso para mobilizar o jogo das pulsões (paixões) em direção a um falasser.

Tanto no encontro com o ouvinte que pede uma informação a um surdo, quanto no encontro inaugural, quando a mãe vê pela primeira vez o corpinho de seu recém-nascido, algo de espanto, fascinação, fuga, até repulsa pode acontecer. A mãe pode traçar uma via para a criança, na medida em que ela a toma para si, numa relação de invocação. Ela espera alguma coisa dessa criança. Ela espera, no sentido de uma esperança, lançando-a para um futuro em direção a um porvir.

Do lado da criança, um grito é projetado para fora, um grito de sofrimento, provavelmente contínuo, sem modulações (puro grito). Esse mesmo grito, então, vai provocar na mãe um efeito de furo, o qual ela vai tentar aplacar com uma fala singular. Esse tipo de fala gera um gozo na criança.

A mãe vai responder, então, envolvendo, revestindo esse contínuo do grito através dos cuidados, movimentos, cantigas, voz, interrompendo-o e inscrevendo no corpo da criança uma marca de prazer. A criança, a partir desse momento, não vai ser mais a mesma. Alguma coisa cai! Cai da boca, se separa do corpo.

Desde o momento em que a criança acede a esse primeiro timbre da mãe, estará selado o consentimento para que se faça essa primeira aliança entre os dois, amarrados em um circuito pulsional. Talvez se possa dizer que é aí que se instala a vivência da primeira garantia da existência do grande Outro. A pulsão invocante precisa de um endereçamento.

Toda palavra falada, pensada ou escrita – mas sobretudo a falada –, está ligada à esperança que se tem de ser ouvido (pressuposto inconsciente). Quando o ouvinte se dirige a um surdo pedindo uma informação, na ausência da resposta, o ouvinte fica sem chão (perde a referência do lugar esperado em que o outro responderia) e, então, não pode investir as suas representações numa possível resposta orientada pelo desejo do outro. O ouvinte emudece, fica sem voz, sai de perto, começa a falar sem sentido.

O objeto voz é um objeto como os outros (objeto *a*), como o seio ou as fezes, que se separam do corpo. O objeto voz é o objeto que falta e que não é sonorizável. Esse objeto vai ser um objeto subjetivador e não um objeto parcial. A necessidade de levar um para o outro em uma união que não faz unidade, palavras, doravante, associadas, juntas

por algo diferente que seu sentido, mas que movimenta, dialetiza algo em direção a um falasser (ouvir-intendere-pender em direção a).

A voz veicula algo, empurra as letras, ou seja, a voz é como o sopro marcando o papel, anunciando letras. Não é um objeto como a respiração. É uma vibração de algo corporal que, no entanto, não é nenhum órgão do corpo, muito mais “entre eles”. Não se apresenta como uma lembrança ou sentimento, mas como um acontecimento corporal (surpresa do encontro além do que se encontra). A voz que nos toca profundamente não se confunde com o que ouvimos; portanto, é impossível estabelecer o efeito de gozo. O fascínio que a voz exerce se deve ao fato de que ela é considerada inconscientemente como perdida ou faltante.

Tudo isso acontece bem antes do recalque, como pré sujeito. A entrada na linguagem se dá por aquilo que cai de um corpo, caduca, o puro grito. A voz é orientada pelo resto, por aquilo que fica esquecido. Então, no começo, há uma desarrumação, um caos. Os tempos são ritmos, fluxos, uma desarrumação em direção a algo (como uma orquestra que entra em desarmonia antes de tocar para uma apresentação. Para afinar seus instrumentos, os músicos fazem ressoar tons destoantes, a fim de afiná-los em direção a uma execução musical). A voz é uma fenda, constitui um centro invisível que organiza todas as voltas que giram em torno desse centro móvel, instável que organizará a fala.

O que nos interessa é isso que sobra, os resíduos, aquilo que cai de uma relação com o outro. Nada disso seria possível sem o outro – neste caso a mãe ou quem cuida da criança. O que se impõe aqui é o desejo mais que a demanda. Não há desejo *de*, porque o desejo é um puro movimento metonímico, um deslocamento incessante, algo que com nada se satisfaz e sempre aparece como sendo o que não é. O desejo é orientado pelo falo. Mas, entre o desejo orientado pelo falo e o desejo prévio à orientação fálica, há um abismo.

A possibilidade de se tornar sujeito está vinculada a marcas no corpo, as quais são engendradas pelo desejo do outro. No caso do surdo também. Supõe-se a pulsão invocante existente na relação com o surdo também. Se a mãe do surdo investe algo no sentido de uma espera (uma promessa), aí se estabelece um circuito pulsional.

A mãe desejanse faz ressoar o corpo da criança pelo toque, pelo movimento da boca, pelo olhar. A mãe responde na sua improvisação à criança surda também. A musicalidade, o canto e a voz articulam-se ao desejo do outro e possibilitam a constituição do sujeito (circunscrição de um corpo pela linguagem). Algo dessa ordem também se apresenta em pessoas surdas. O surdo não é excluído da voz enquanto objeto, tampouco

é excluído do gozo da voz. Há, portanto, uma voz não sonora que responde ao que acontece com as crianças surdas pelo olhar e o tocar e não pela audição. Voz que se expressa nos campos visual e tátil.

Até aqui foi possível estabelecer alguns pontos sobre a origem da voz áfona, como um centro que é fixo, mas que se desloca no seu próprio realizar; é um ponto de silêncio, de exílio, de fuga. Atração e expulsão num movimento para um ponto infinitamente exterior, em direção aos significantes na organização de uma fala. Para que uma criança fale, é necessário o confronto com a limitação do desejo da mãe.

A surdez é estrutural, tanto para o ouvinte como para o surdo. Para se constituir, o sujeito se apoia na possibilidade de se ensurdecer diante dessa voz primordial. O não à voz do Outro permite responder ao seu chamado e dará ao sujeito que advirá a possibilidade de ter a própria voz. A voz é aquilo que cai na formação do significante, através da significação que a mãe dá ao apelo da criança. A voz precisa ser ouvida e não somente compreendida. É voz porque é silêncio das significações, desligada do sentido.

Deixar ressoar a palavra implica necessariamente na suspensão de todo raciocínio e julgamento. A suspensão do juízo tem como efeito abrir os ouvidos do ouvinte àquele que se dá a entender através daquilo que diz. É neste dizer-se ao outro no seu discurso que a voz pode trair aquele que fala. Ao analista cabe aceitar, se deixar confundir, estupefazer com a marca da falta do outro. Como quando o ouvinte se defronta com o surdo e não tenta fugir ou sair de perto.

Referência:

POIZAT, M. **La voix sourde: la société face à la surdit  **.  ditions M talli  , 1996.